

## Um suspiro de esperança

Recensão do livro *Dicotomias religiosas*  
: *ensaio de sociologia da religião*,  
de Francisco Cartaxo Rolim.

(Petrópolis : Vozes, 1997.)

O autor, em toda a sua vida, teve uma profunda ligação com a fé cristã. Foi dominicano, deixando o convento para dedicar-se ao estudo da sociologia da religião. O seu interesse acadêmico, portanto, surge de sua própria vivência. Estudou com profundidade fenômenos religiosos de nosso tempo, como, por exemplo, o pentecostalismo. Inclusive, o seu livro *Pentecostais no Brasil*, publicado em 1985, ainda hoje é fonte de referência para muitos estudiosos da religião.

O que transparece no texto foi que Francisco Cartaxo Rolim era uma pessoa ligada à sua Igreja. Nas suas reflexões, percebemos a esperança de ver a Igreja caminhar de forma a ser referência, a ser um instrumento de Deus para a salvação das pessoas e do próprio cosmo. Portanto, a salvação é pensada da forma mais ampla possível. Por isso, ao mesmo tempo em que estimula em suas linhas os agentes de pastoral, também critica a sua Igreja naquilo que considera a paralisação do projeto maior de Deus para este mundo: o Seu Reino. Entre outras coisas, está interessado em não deixar apagar a chama da esperança de um mundo mais justo e fraterno. Faleceu em 1996, deixando-nos este seu último trabalho editado em agosto de 1997.

É um livro para aqueles que querem ser introduzidos no pensamento de alguns dos autores clássicos, e, se for alguém envolvido com trabalhos de base, poderá refletir sobre a sua prática à luz desses pensadores. Formalmente, não é uma introdução ao pensamento dos grandes teóricos. A sua preocupação básica está voltada para perceber aquilo que eles pensaram de mais relevante sobre a religião. E, dentro deste aspecto, Rolim propôs-se a fazer aflorar desses pensadores uma perspectiva: a das dicotomias religiosas.

Para todos os que se interessam pelo tema, trata-se de um livro gostoso de ler. É escrito por um professor. Sua reflexão é profunda, metodologicamente clara e, sobretudo, para nós, de alguma forma também seus alunos, a exposição é didática. Como bom professor, ao longo do texto, vai situando perguntas, entrando em diálogo com os autores estudados, deixando-nos inquietos, curiosos. Consiste em estratégia de quem sabe que não há outra forma de aprender senão questionando, problematizando.

Ele separa os diversos autores estudados nas três correntes-raízes do pensamento sociológico, acentuando as suas singularidades e contextualizando-as histórica, cultural e politicamente. Do positivismo, traz Durkheim; da corrente histórico-relativista, Weber; da concepção dialética-materialista, Luckás e Bloch. Outros três autores são analisados: Dilthey, Wach e Troeltsch. A presença destes se justifica, pois são portadores de idéias intermediárias, onde Rolim, por um lado, apontará os laços de influência e, por outro, os argumentos de crítica a determinadas posições feitas por aqueles. Estas três vertentes teóricas são escolhidas, conforme Rolim, “porque sobrevivem, implícitas ou explícitas, em não poucas formulações religiosas e doutrinárias, crenças e práticas religiosas atuais” (p. 12). Essa

junção de muitos autores sob a perspectiva das dicotomias torna-se muito interessante para o/a leitor/a. Nas palavras do autor:

O leitor perceberá uma linha tendencial que descreve um ponto de partida, a radical oposição entre sagrado e profano, e este ponto vai sendo pouco a pouco abandonado, criticado, cedendo lugar a outros pontos até se chegar a uma rica associação entre sagrado e profano, entre o transcendente e a história humana nos dois últimos capítulos. Poder-se-á perceber uma enriquecedora dialética entre sagrado e profano: o sagrado penetrando lado a lado com o profano na história humana. O Deus judaico-cristão não será um Deus solitário, como lembra Bloch, longe do mundo e ausente da história humana. É um Deus que liberta e faz viver um “Êxodo”, que participa da história de um povo através dos anúncios dos profetas, que se manifesta na história humana, sem deixar de ser transcendente, através da presença histórica de Cristo, e continua se manifestando de outras formas. (P. 16.)

O livro alcança demonstrar três ênfases:

Primeiro, ao descrever as teorias dos pensadores mencionados, Rolim o faz com densidade. Por ser um livro pensado a partir das aulas de sociologia da religião, o autor primou em trazer aquilo que lhe pareceu fundamental no contexto histórico da construção das idéias dos pensadores analisados. Isto enriquece o trabalho e ajuda o/a leitor/a a situar as potencialidades e limitações dos pensadores analisados, dando pinceladas de como esses saberes foram sendo construídos, influenciado-se mutuamente e se diferenciando. Convém ressaltar ainda que, ao situar historicamente os autores, Rolim acaba por dar pinceladas interessantes sobre a emergência da modernidade, contextualizando os clássicos com o próprio clima de fé no iluminismo e racionalismo, para uns, ou descrença nestes, para outros.

Segundo, o autor coloca os pensadores na perspectiva da análise das dicotomias religiosas. Se por um lado isto permite uma certa introdução ao pensamento dos clássicos para situar melhor a reflexão sobre as dicotomias, por outro lado não deveríamos tomar as reflexões de Rolim como uma análise completa dos pensadores estudados, até porque sua perspectiva maior foi trazer à luz as concepções destes em relação à religião. É certo que cada um desses autores pesquisou e escreveu sobre outros temas, com *insights* valiosos ainda hoje para pesquisadores da área.

Em terceiro e último lugar, um suspiro de esperança é dado na conclusão. Afinal, os textos foram originalmente redigidos tanto para alunos de sociologia da religião quanto para agentes de pastoral comprometidos com a causa dos pobres. Como fruto de seu estudo acadêmico, chama a atenção da Igreja, mostrando que as práticas religiosas são realizadas, conscientemente ou não, a partir dos conceitos religiosos de que nos encontramos embebidos. Deste ponto de vista, de que forma as dicotomias religiosas a que nos submetemos influenciam nossa prática, nossa maneira de pensar e ser Igreja?

Para o autor, o estudo deste livro ajuda a perceber o quanto o cristianismo, “particularmente o catolicismo”, aderiu ao dualismo de sagrado e profano, corpo e alma. Em última instância, para Rolim, é esta a visão que não permite à ala conservadora da Igreja perceber a profundidade teológica da teologia da libertação (TL) e das CEBs. Antes, insurgindo-se contra elas, aliam-se ao suporte ideológico positivista e, querendo ou não, aliam-se aos paradigmas do capitalismo, sem conseguirem lhe fazer qualquer crítica profunda, senão de natureza moral. Quer dizer, estão a favor da “ordem e progresso”, a favor da harmonia da sociedade, em oposição aos que se insurgem contra a ordem estabelecida. No plano religioso, estabelecem as fronteiras do sagrado e do profano.

Por outro lado, a Igreja Católica, vendo suas fileiras se esvaziarem com o crescimento do pentecostalismo, a mesma Igreja que antes os combatia, hoje simplesmente imita-lhe os métodos. Assim, “quanto mais ela se fecha no círculo do sagrado, tanto mais o emocional cresce e, em consequência, tanto mais lhe escapa a dimensão histórica, e tanto mais distante fica da visão correta do mundo físico, progressivamente submetido aos caprichos de interesses capitalistas” (p. 211).

Rolim questiona também: se a visão dicotômica predominante na Igreja e em seus fiéis não implica uma ampla compreensão do ser humano diante do cosmo, de fato a Igreja prega o evangelho? Nas palavras do autor, “se a libertação do pecado não se efetiva também no cosmo, será que ela é plena na alma?” (p. 201).

Pareceu-nos que se Rolim, por um lado, com clareza e razão, critica a ala conservadora da Igreja, por outro não estaria sendo demasiado superficial na análise dos condicionantes objetivos do enfraquecimento da TL e das CEBs, atribuindo-lhes quase que exclusivamente a oposição de grande parte da Igreja? Dessa forma, parece-nos, suas palavras acabam sendo simplesmente um ato de fé. Neste sentido, vale lembrar a lição de Peter Berger, que ensinava ser necessário um “ateísmo metodológico” quando se analisa a religião dentro da sociedade. Isso, por fim, acaba fazendo com que a crítica de Rolim caia no lugar comum. Não deveria ser também a dicotomia de instituição e organizações superada pela análise da dialética? Não que se despreze o poder da ala conservadora da Igreja. Mas onde, objetivamente, encontram-se as fraquezas das CEBs dentro da conjuntura atual?

São muitos os pontos de interesse que chamam a atenção neste livro. Contudo, alguns temas recebem destaque. Por exemplo, a questão do messianismo — Lucáks e Bloch; relação entre cristianismo e marxismo, principalmente em Bloch, bem como sua instigante análise sobre utopia (marxismo) e escatologia (cristianismo). Aqui vale uma palavra a mais. Bloch reúne em seu pensamento a esperança escatológica no Filho do homem com a utopia em Marx (não a do marxismo mecanicista) e a noção aristotélica de *dynamei on* (ser em possibilidade) aplicando-a à dimensão histórica. Bloch parte do “ser humano e da vida humana, tendentes para o não-ainda, uma vez que o que é, o que já existe, está cheio de possibilidades” (p. 158). A partir desta concepção, com intrincados desdobramentos teóricos, este autor consegue conciliar, de forma muito sólida, a relação entre marxismo e cristianismo. Além do mais, é justamente por partir da vida humana como tendente para o não-ainda, mostrando assim a processualidade da história, que ele fará uma crítica ao cristianismo, que, ao longo de sua história, foi substituindo sua fé no Jesus-Filho do homem (escatológico) pelo Jesus-Kyrios, entronizado no culto, institucionalizando serviços a Ele, mas que definitivamente perdia a sua força motora de mudanças aqui, nesta sociedade, e não apenas como algo que receberemos no além. Assim, Bloch aproximou marxismo (utopia) e cristianismo (escatologia) pela esperança que ambos professavam em um mundo “igualitário, sociedade onde a justiça existirá garantida pelo amor divino”.

A escolha dos autores clássicos analisados, não sem propósito, além de marcar três das principais correntes do pensamento moderno (positivismo, relativismo histórico e materialismo dialético), é didaticamente colocada com o fim de lembrar o que o autor deseja mostrar, ou seja, que a prática da religiosidade, do cristianismo, portanto, da Igreja, esteja voltada para a salvação do ser humano, e isto pensado de forma ampla. Quer dizer, para Rolim, os cristãos precisam encarar a realidade como presente de Deus, superando a dicotomia de sagrado e profano, buscando viver o ainda-não do reino de Deus, encarando

a vida e o viver como processualidade, a partir da qual pode-se viver na esperança de que a realidade tenha a possibilidade de ser aquilo que ainda não é. As experiências religiosas são etapas de uma processualidade. Em outras palavras, é possível (e desejável) que os cristãos sonhem o sonho de Deus para este mundo. É preciso, como lembra François Houtart, uma “utopia necessária”, crer na possibilidade de mudança, crer contra toda a aparência, ter a “convicção dos fatos que não se vêem” (Hb 11.1).

Essa *utopia necessária*, ou o *sonho de Deus*, parece-nos, a partir do evangelho, consistir em viver a vida preocupando-se com a qualidade de vida das pessoas, com sua dignidade. E isto desde o maior até o menor. Assim, que retorne a poesia, que superemos a ditadura do quantitativo que tão ferozmente destrói os valores eternos da alegria, da justiça e da paz fraterna.

Valdir Pedde

## Comentário pioneiro de 1 Coríntios

**Recensão do livro *Problemas pastorales en Corinto* :  
comentario exegético-pastoral a 1 Corintios,  
de Irene Foulkes.**

(San José/Costa Rica : DEI, 1996. 432 p.  
[Colección Lectura popular de la Biblia]).

Sem sombra de dúvida, este comentário à Primeira Carta aos Coríntios, escrito por Irene Foulkes, professora de Novo Testamento na Universidade Bíblica Latino-Americana, em San José/Costa Rica, vem suprir uma lacuna sensível na área da produção teológica exegética a nível de América Latina. Não existiam comentários a 1 Coríntios escritos na América Latina e os que estão disponíveis em tradução não são os melhores. Agora temos a opção de ler “Problemas pastorais em Corinto”. O fato de ainda não estar em português não representa um obstáculo para a área acadêmica; no entanto, a divulgação mais ampla do livro a nível de pastoral e comunidade também seria desejável e, na minha opinião, muito útil.

Título e subtítulo já indicam as características deste comentário: é exegético e pastoral. A autora conseguiu equilibrar com sabedoria a erudição exegética com a preocupação pastoral. O comentário traz uma riqueza muito grande de informações garimpadas com o auxílio do instrumental da exegese histórico-crítica. Assim, nota-se em todo o livro a seriedade com que são tratados os dados constantes no texto bíblico analisado. “Trabalhamos o texto de 1 Coríntios com todas as ferramentas exegéticas disponíveis, com a finalidade de discernir o seu significado em seu próprio contexto.” (P. 32.) Já pelo volume avantajado do livro, a autora chega perto de pecar por excesso de dados exegéticos. Porém consegue com isso evitar muito bem a tendência à superficialidade que se nota em muitos comentários de “edificação” pessoal e da comunidade. Além disso, trabalhou muito bem com excursos, fazendo a leitura alternar entre a discussão dos temas e os informes específicos. Há 20 quadros explicativos e comparativos, esquemas, mapas e ilustrações